



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **EDUCAÇÃO SEXISTA: UMA REPRODUÇÃO DA IDEOLOGIA PATRIARCAL**

Antônia Camila de Oliveira Nascimento

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGSS/UERN). E-mail: camyla.oliveira25@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo é parte de um trabalho monográfico, realizado na universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Neste estudo, particularizamos a reflexão sobre ideologia na análise de suas expressões patriarcais na educação das crianças. Diante disto, constatamos que a “escolha” dos brinquedos, brincadeiras, roupas pelas crianças, guarda, muitas vezes, uma influência da educação sexista, que induz, ou, no mínimo, estimula, as crianças a “optarem” por “coisas”, segundo o sexo biológico. Portanto, tais representações, contribui com a manutenção e sustentação da estrutura de poder hierárquico que impõe à mulher a condição de inferioridade, e afirma o poder do homem em todas as esferas da vida em sociedade.

**Palavras-Chaves:** Ideologia, Gênero, Patriarcado, Educação sexista.

### **1 INTRODUÇÃO**

Dentro desse sistema de divisão sexual de papéis, homens e mulheres são educados desde a infância para assumirem posições que correspondam o que é socialmente definido como “coisas” de homem e “coisas” de mulher. Nesse contexto as representações do “feminino e do masculino” ganham uma carga de significações simbólicas e culturais carregadas de uma forte representação sustentada e difundida ideologicamente pelas instituições sociais, como a família, igreja, a escola e a mídia.

Assim, o processo de construção da identidade social de gênero, obedece a atribuições de características aos distintos papéis que a sociedade imputa aos homens e mulheres, fazendo com que esses indivíduos assumam funções e atividades em consonância com aquilo que é pregado como “correto” e natural em função do seu sexo. Na verdade, todas as pessoas nascem bebê machos ou fêmeas, suas representações são



criadas de acordo com aquilo que a sociedade define como sendo “coisa” própria de homens e de mulheres.

Dentro desse sistema de divisão sexual de papéis, homens e mulheres são educados desde a infância para assumirem posições que correspondam ao que é socialmente definido como “coisas” de homem e “coisas” de mulher. Por meio dos brinquedos que lhes são ofertados, tais como fogãozinho, panelinhas, bonecas, entre outros, as meninas recebem estímulos para exercerem como prioridade em suas vidas as atividades domésticas e a maternidade. Os meninos, por sua vez, são educados para serem fortes, racionais, dominadores, e por intermédio dos brinquedos que lhes são destinados como carrinhos, bolas, jogos, armas, recebem estímulos para desenvolverem, a iniciativa, a agressividade e atividades na esfera pública, então, os homens terão de ser servidos.

Tais representatividades introjetadas na mente das crianças ganham uma carga de significações simbólicas e culturais carregadas de uma forte representação conservadora de gênero.

## **2 EDUCAÇÃO SEXISTA: A REPRODUÇÃO DA DESIGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES.**

A desigualdade entre homens e mulheres historicamente naturalizada nas relações sociais, encontra-se na educação sexista um suporte ideológico para sua reprodução cotidiana. Um fio condutor que possibilita a construção desse arranjo assimétrico entre os sexos reside nas explicações presumidas nos supostos determinantes biológicos, ou melhor, na essência do que é considerado “feminino” e “masculino” que justifica e determina, à luz dos pensamentos sexistas, as “habilidades, qualidades, profissões, brinquedos ou espaço ditos de homem ou de mulher” (CISNE e BRETTAS, 2009, p. 61). Nesse sentido, utilizam-se dos determinantes biológicos, em seus aspectos físicos, psíquicos e comportamentais para justificar diferentes habilidades



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sociais, talentos e aptidões para impor um lugar de gênero na sociedade patriarcal-capitalista.

Questionar essa dicotomia que separam homens e mulheres, atribuindo papéis, de acordo com o sexo, é perceber que as representações do “feminino e do masculino”, não são determinadas biologicamente, mas sim, pelas relações sociais. Nesse sentido, a educação de meninos e meninas tem um papel basilar na formação de valores e da cultura de gênero, construídos essencialmente por meio das instituições como, família, igreja e escola. Como nos aponta Cisne e Brettas: “essas instituições alimentam um conjunto de valores conservadores sobre o comportamento de homens e mulheres- engendrado por meio da educação familiar, religiosa e escolar [...]” (2009, p. 61).

É na família que se inicia a “domesticação” de meninas e meninos, e assim vão sendo desenhados os papéis do que é ser homem ou mulher, nomeadas a partir de supostas diferenças biológicas, determinando um lugar como referência, na cultura hegemônica patriarcal, que cria relações materiais e representações simbólicas do lugar do homem e da mulher na sociedade, imputando posições que estes devem assumir de acordo com o sexo, afirmando, assim, a suposta “diferença natural” para estabelecer atribuições e deveres, consideradas “femininas ou masculinas”.

Nesse sentido, é no seio familiar que começa a se delinear os espaços que cada um pode ou não pode fazer que na maioria das vezes, resulta em preconceitos distorcidos da realidade. Desse modo, vão sendo construídos o que é considerado “coisa de menina ou coisa de menino” separando assim, os brinquedos, as cores, as roupas, os espaços, dentre outras.

Nessa perspectiva, desde o nascimento meninas e meninos (ou mesmo anteriormente a isto) são cerceadas a assumirem papéis por meio das definições do “masculino e do feminino”, como afirma Cisne e Brettas:

A construção do que devemos ser como homens ou mulheres inicia-se anteriormente ao nosso nascimento. Isso se processa desde as mais simples definições do que é masculino ou feminino. A cor do enxoval e os brinquedos do quarto do bebê, escolhidos segundo o sexo, vêm acompanhados da definição das qualidades sociais e posturas que cada um (a) deve



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

corresponder para ser bem aceito(a) socialmente e caracterizado (a) como “normal” (2009, p. 65).

Assim, é com a família que a criança tem um primeiro contato com as relações sociais, o que é determinante para as manifestações da primeira forma de consciência desses sujeitos, posto que é nessa instituição, a priori, que é internalizado valores, princípios e preconceitos da cultura patriarcal-capitalista, na qual é construído as desigualdades entre homens e mulheres.

A escola, por sua vez, também “vem ratificar, desde a educação infantil, toda a construção simbólica do feminino e do masculino iniciada na família” (CISNE e BRETTAS, 2009, p. 67). Isso decorre do fato da escola ser uma “fábrica” de formação dos indivíduos. É nesse espaço formal que é fortalecida a construção de opiniões, comportamentos e posturas diante da própria identidade de gênero que é atribuída às crianças, fazendo com que essas façam uma leitura do mundo, muitas vezes, embebidas da ideologia patriarcal dominante.

Nesse sentido, a escola por meio de algumas práticas legitima as possíveis diferenças atribuídas ao “feminino ou masculino”, seja por meio da linguagem dos livros didáticos, adotados pelas escolas e socializados para as crianças, seja pelas posturas e comportamento diferenciados que alguns/algumas professores(as) fazem entre as crianças, segundo o sexo, e ou pelas atitudes dos próprios/as educadores (as) em seu posicionamento, no que diz respeito, as singularidades e particularidades que podem reforçar ainda mais a desigualdade entre os sexos. É nesse sentido que as autoras supracitadas, referem-se aos livros infantis escolares:

Assim, os contos e estórias infantis, e até mesmo livros de história, costumam apresentar os homens como heróis, fortes guerreiros, príncipes corajosos (brancos e ricos). São eles que libertam e salvam as “frágeis” princesas [...]. Com isso, no máximo, as mulheres aparecem como “musas inspiradoras” de homens, estes sim, sujeitos de sua própria história. (2009, p. 68).



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nesse prisma, as literaturas infantis e os livros didáticos costumam trazer em seu contexto os significados e representações do feminino e do masculino, nos quais, o homem vem como uma figura de guerreiro, forte e valente, e a mulher como frágil, delicada e dócil, a qual sempre fica a espera de seu príncipe, seu herói. Dessa forma, o homem aparece aí como personagem principal da história, e a mulher como simples coadjuvante. E tudo só acontece pela postura do “guerreiro forte” que constrói a sua própria história de vida. Sobre os livros didáticos, afirma Louro (1997, p.79):

Os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades "características" de homens e atividades de mulheres.

Nos livros didáticos é comum a apresentação com imagens de meninas brincando com sua casinha e cuidando da sua boneca-bebê, já os meninos aparecem com carrinhos, bolas, armas que reforçam sua liberdade, autonomia, força e independência. Com as meninas, os brinquedos considerados educativos, ofertados, tanto na escola, como pelos pais, tem um caráter intimamente relacionado com as tarefas domésticas e atividades ou mesmo profissões extensivas a tais tarefas. Em outras palavras, os brinquedos estão associados à lógica patriarcal que rege a divisão sexual do trabalho e dos brinquedos a ela correlacionada. No caso, os brinquedos considerados de meninas, tem um papel representativo na construção de sua identidade e posicionamento na sociedade, tendo em vista que estes são associado ao cuidado com os filhos, a ser dona de casa, estimulando-as a serem passivas e obediente aos seus futuros maridos, na medida que são treinadas para serem boas cuidadoras do lar, por meio do cuidado com a cozinha, utensílios domésticos, troca de fraldas e mamadeiras e passeios com suas bonecas-bebês. Já com os garotos, os brinquedos tidos de “meninos”, como carrinhos, aviões, barquinhos, bonecos heróis e guerreiros, monstrinhos e “jogos eletrizante” e de



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

raciocínio lógico, são associados a criatividade, aventura e ao desenvolvimento de habilidades.

Isso também é percebido nas disciplinas escolares, posto que é repassado ideologicamente que os meninos têm maior domínio com matérias envolvendo cálculos matemáticos. Já as meninas teriam maiores habilidades com as disciplinas de ciências humanas. Esse pressuposto acaba sendo naturalizado, e as crianças começam a absorver tais ideias, o que, muitas vezes, reflete na sua escolha profissional. Meninos “optam” mais por profissões que envolvem cálculos, como é o caso das engenharias. Enquanto as meninas acabam “optando”, em sua grande maioria, por profissões vinculadas à reprodução social, como de pedagogia, enfermagem e serviço social, cursos majoritariamente formados por mulheres.

A igreja também contribui com a produção e reprodução de princípios, (des) valores, preconceitos que reforça a dominação e controle das mulheres por meio de ensinamentos de cunho conservador, preconceituoso e estigmatizantes que acabam, por vez, estimulando o ódio e o desamor entre as pessoas, já que muitas não são aceitas, por fugirem aos padrões e doutrinas da igreja. Segundo Toledo (2001, p. 68) “[...] as religiões em geral comprem um papel decisivo na manutenção e propagação da ideia da mulher como “sexo frágil” e “ser inferior”, ajudando a mantê-la subjugada e oprimida”. O ensinamento religioso destinado às meninas acabam reforçando a submissão das mulheres, já que é ensinado que as mulheres devem ser submissas aos seus maridos, bem como, respeitar as decisões do “cabeça da casa”, devendo ser mulheres “valorosas” no cuidado com os filhos e o marido. Enquanto aos meninos, é ensinado que esses são os provedores da família, tendo que assegurar o sustento da casa. Tudo isso acaba por acionar na mente das “crianças” comportamentos e atitudes que remetem a distinção e desigualdades segundo o sexo, internalizando ideias que homens e mulheres são diferentes dentro das relações sociais, e, portanto, devem assumir papéis distintos.

Diante do exposto, faz-se necessário questionar a base de sustentação da desigualdade entre homens e mulheres que é respaldada pelo sistema capitalista, o qual vem ao encontro desses estereótipos, reforçando em prol de seus interesses, a





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desigualdade na divisão sexual do trabalho, bem como, contribui para a consolidação das diferenças entre homens e mulheres, por meio da distinção no espaço de trabalho, diferenças salariais e inferiorização do trabalho feminino, que é relegado ao segundo plano. Nessa perspectiva, o sistema capitalista se apropria da educação sexista para manter sua produção e reprodução por meio das desigualdades de gênero, afirmando a lógica da subalternização do trabalho feminino, aprofundando a dominação e exploração das mulheres. Desse modo, não basta somente questionar as “questões de gênero” na sociedade, mas também desvelar a raiz do problema, que reside na divisão entre classes e na divisão sexual do trabalho a ela associada. Por isso, é necessário a organização de luta que venham de encontro com os interesses desse sistema de opressão de mulheres e homens, na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, que garanta a emancipação das mulheres. Para que isso seja possível é preciso desconstruir socialmente os ditames da educação sexista, em prol da ruptura com essa sociedade e consolidação de uma nova sociedade pautada na igualdade e liberdade entre ambos os sexos. “Tem-se, portanto, que perceber a necessidade de ruptura com esta ordem para alcançar a emancipação” (CISNE e BRETTAS, 2009, p. 74).

### 3 CONCLUSÃO

Dentro desse sistema de divisão sexual, homens e mulheres são educados desde a infância para assumirem posições que correspondam ao que é socialmente definido como “coisas” de homem e “coisas” de mulher. Tais representatividades introjetadas na mente das crianças ganham uma carga de significações simbólicas e culturais carregadas de uma forte representação conservadora de gênero. Por sua vez, entendemos que tais representações ideológicas possuem uma base material concreta.

Face ao exposto, podemos perceber que a apreensão do processo de construção social das relações de gênero é complexa, pois envolve um sistema de dominação-exploração, que atua em conjunto na perpetuação de uma estrutura de poder no sentido



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de mascarar a realidade, apresentando os fenômenos como naturais, tomando os aspectos biológicos do “macho e da “fêmea” para justificar uma suposta diferença entre o feminino e masculino. Dessa forma, consolida-se o essencialismo biológico o que contribui para a opressão das mulheres e primazia do homem.

Afirmamos a necessidade de se construir uma educação libertária e emancipada, que forme o ser humano numa dimensão crítica, voltada para a defesa da igualdade e da liberdade, numa busca constante de desvelar as relações sociais desiguais de gênero na sociedade capitalista, baseada na educação não sexista. Nesse sentido, cremos na importância da educação libertária, na qual os seres humanos sejam capazes de respeitar as diferenças, sem transformá-las em desigualdades.

## 4 REFERÊNCIAS

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. **A construção das identidades de gênero na educação infantil**. Dissertação de mestrado em educação defendida na Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande: UCDB, 2009

CISNE, Mirla. **Feminismo, Luta de Classes e Consciência Militante Feminista no Brasil**. Tese de doutorado em Serviço Social defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e Serviço Social**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CISNE, Mirla. Gênero e patriarcado: uma relação necessária para o feminismo. *In Políticas Sociais, Serviço Social e gênero: múltiplos saberes*. Fernanda Queiroz e Gláucia Russo, Tela Gurge I(orgs) (Mossoró, UERN, 2012, p.147-165.

CISNE, Mirla e BRETTAS, Tatiana. Que homens e mulheres educamos?. P 61-77. *In: TAVARES, Jean Mac Cole e MARINHO, Zacarias (orgs). Educação, saberes e práticas no oeste potiguar*. UFC, Fortaleza, 2009.

CHAUI, Marilena de Sousa. **O que é ideologia**. São Paulo, brasiliense, ed 26<sup>a</sup>, 1988.

IASI, Mauro. **Ensaio sobre a consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FEITOSA, Sônia de Melo. “**Mulher não vale nem um real**” Patriarcado nas letras das músicas de forró. Dissertação de Mestre em Serviço Social defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal: UFRN, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997

MARX, Karl & ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo, Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Telma Gurgel da e GUIMARÃES, Clárcia Ribeiro. **Gênero, trabalho e desigualdades sociais: análise das políticas de geração de renda e trabalho para as mulheres no Rio Grande do Norte**. 2011. Disponível em :



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TOLEDO, Cecília. MULHERES: O gênero nos une, a classe nos divide. São Paulo, Editora Xamã, 2001.